

DUBY: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE AS MULHERES MEDIEVAIS

DUBY: A HISTORICAL PERSPECTIVE ON MEDIEVAL WOMEN

Milton Carlos Costa

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/ASSIS

Correspondência:

Programa de Pós-Graduação em História

Av. Dom Antonio, 2100 - Parque Universitário – CEP 19.806-900 - Assis, SP

E-mail: milton.carlos.costa@hotmail.com

Resumo

Neste trabalho trataremos do casamento nas condições históricas do feudalismo e, principalmente, sintetizaremos parcialmente o livro *Heloísa e Isolda e outras damas do século XII*, no qual o autor proporcionou uma contribuição historiográfica significativa, explorando de maneira original documentos em geral conhecidos. Depois veremos como a melhor medievalística contemporânea estudou temas abordados por Duby como o parentesco, a sexualidade, o masculino e o feminino, e que foram objeto de nosso trabalho, servindo de contraponto aos mesmos.

Palavras-chave: parentesco; sexualidade; medievalística.

Abstract

This paper will discuss the wedding in the historical conditions of feudalism, and mainly, summarize partially the book *Heloise and Isolde and other ladies of the twelfth century*, in which the author provided an historical condition significant, exploring of an original manner the documents known. Then we will see as important medievalists have studied the issues addressed by Duby as kinship, sexuality, male and female, and that were the object of our work, serving as a counterpoint to them.

Keywords: kinship, sexuality, medievalística.

Georges Duby, um dos maiores medievalistas do século XX, foi ligado à justamente célebre escola dos *Annales*¹, a qual renovou de maneira profunda o fazer historiográfico do nosso tempo. Se tal corrente historiográfica revolucionou a disciplina historiográfica no século XX, pela incorporação criativa e historicizada dos métodos, teorias e técnicas das ciências sociais ao trabalho dos historiadores, podemos dizer que Duby constitui expressão exemplar dela.

A produção historiográfica de Duby se situa na vanguarda dos *Annales* e se caracteriza por ter operado uma verdadeira mutação nos estudos da medievalística contemporânea, pela amplitude de sua visão do período medieval, pela invenção no tratamento dos temas e da documentação e pela renovação teórico-metodológica².

O casamento na Idade Média

Antes de tratar das mulheres na Idade Média, vejamos como Duby abordou o casamento no mesmo período.

Em diversos trabalhos o medievalista abordou os problemas do parentesco medieval e da linhagem em particular. Na sua perspectiva de “empreender uma arqueologia da família”, deteve-se no estudo da instituição matrimonial:

Vejamos o caso do meu trabalho atual, sobre o casamento na época feudal. É evidente que faço tudo o que posso para sair do espartilho. Não esqueço, em primeiro lugar, que a maior parte das informações sobre este problema vêm de homens, que pertenciam à Igreja: eram eles os únicos que escreviam, nessa época, por conseguinte, os únicos que ouvimos falar diretamente. Escusado dizer que não são eles os melhores informadores sobre as práticas matrimoniais. Esses homens – só os homens é que falam – eram forçados ao celibato. Eram supostos praticar uma certa castidade. O casamento, desprezavam-no, temiam-no, desejavam-no, envergonhados, agressivos: como poderiam eles discernir claramente a sua prática e as suas representações comuns, situá-lo no seu justo lugar no sistema de valores?. Há que efetuar sobre estes testemunhos todo um trabalho crítico, para fazer aparecer, em filigrana, os comportamentos reais, precisamente aqueles contra os quais lutavam, com todas as forças, os clérigos de que falo, tentando reformá-los, rectificá-los segundo a sua

¹ Consultar a respeito: Burke, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1991; Dosse, Francois. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio, 1992; Guriévitch, Aaron. *A síntese histórica e a Escola dos Anais*. São Paulo: Perspectiva, 2003; Revel, Jacques. *Las construcciones francesas del pasado*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002; Burguière, André. *La escuela de los Annales*. Publicaciones de La Universitat de Valencia: [Valencia], 2009.

² Uma apresentação abrangente da mesma se encontra em: Costa, Milton Carlos. *Compreender Georges Duby: Introdução à obra de um medievalista dos Annales*. Tese de livre docência. Assis, UNESP, 2009. 327p.

própria visão, esforçando-se por fazer aceitar, respeitar o modelo moral por si fabricado³.

Como um exemplo sintético dos estudos de Duby relativos ao casamento medieval, consideremos agora um dos seus ensaios “El matrimonio en la sociedad de la Alta Edad Media”⁴.

Nas estruturas da sociedade humana entram dois componentes: a natureza e a cultura. O sistema cultural se reproduz segundo mecanismos próprios. Dentre eles temos o sistema relativo ao parentesco e o “código matrimonial”⁵. Nesses universos existem proibições e ritos, o profano e o sagrado.

Dois ordens se cruzam no matrimônio: a natural e a sobrenatural. Diante das características da instituição matrimonial, o medievalista enfrenta dificuldades, particularmente dois perigos, que são também dois desvios. O primeiro perigo consiste em confiar nos regulamentos. A Igreja fazia um esforço para efetivar a igualdade dos cônjuges. Aumentaram as prerrogativas “dos homens da linhagem e da primogenitura da mulher”⁶. O segundo consiste em aceitar o ponto de vista dos padres. Torna-se, por isso, necessário evitar o moralismo presente nos textos. Duby procura mostrar o quadro global em que o casamento deve ser estudado, porque os historiadores estão diante de fontes que são “escritos normativos”⁷. No matrimônio, enfrentavam-se dois poderes: entre eles alternavam-se conivências e rivalidades. O poder religioso tem a tendência de triunfar sobre o poder civil. A instituição matrimonial passou por um processo de cristianização progressiva.

Houve dois modelos de casamento: o laico e o eclesiástico. O primeiro modelo quer manter o “estado”⁸ de uma casa. A preocupação é conseguir não somente Casar os jovens, mas casá-los bem. Segundo nosso autor, a posição da mulher no casamento era a de “dar crianças ao grupo de homens que a acolhe, a domina e a vigia”⁹. As cláusulas relativas à aliança implicavam uma estratégia de longo prazo. Havia a necessidade de impedir o empobrecimento. As regras de aliança implicavam a endogamia, a desconfiança e a prudência. A cerimônia de casamento possuía um aspecto duplo. O historiador descreve os esponsais e as bodas.

³ DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. *Diálogos sobre a Nova História*. Lisboa: Dom Quixote, 1989. P.93.

⁴ DUBY, Georges. El matrimonio en la sociedad de la Alta Edad Media. In: ROJAS, Beatriz (Presentación y compilación). *Obras selectas de Georges Duby*. México: Fondo de Cultura Económica: 1999, p. 278-282.

⁵ Idem, p.278.

⁶ Idem, p.279.

⁷ Idem, p.280.

⁸ Idem, p.281.

⁹ Idem, p.282.

Existiu, no período, a condenação do matrimônio. Não havia uma estrita monogamia na sociedade da Alta Idade Média. Procurou-se proteger os interesses da esposa repudiada. A sexualidade masculina não se reduzia ao quadro conjugal. A prostituição, o concubinato, a “exaltação da virilidade”¹⁰ constituíam realidades. Da mulher eram exigidas duas virtudes: constância e virgindade. Tratava-se de uma moral privada, doméstica.

Segundo nosso autor, “a Igreja admite o matrimônio como um mal menor e o institui para disciplinar a sexualidade”. Buscou-se estabelecer uma moral que implicasse a boa conjugalidade. Nesse contexto apareciam como necessárias a purificação, a procriação. A Igreja trabalhava pela retificação dos “costumes matrimoniais laicos”. Havia a busca do *consensus* e a existência de “um sistema de sanções”¹¹. Procurou-se respeitar as escolhas individuais. Buscou-se legitimar o casamento dos não livres. A Igreja reforçou os interditos. Os ritos matrimoniais passaram por um processo de as-cralização. Tratou-se de impor a castidade. Na visão do nosso historiador “a inserção do modelo eclesiástico no modelo laico” constituiu “uma história longa e imperfeita”¹².

Na história do casamento na Idade Média Ocidental, o século XI pode ser considerado um momento decisivo. A cooperação entre o poder civil e o poder religioso produziu uma moral. Uma “teoria matrimonial”¹³ foi elaborada para fins pastorais e práticos. Construiu-se um edifício de normas matrimoniais. Elaborou-se para os casados um modelo cristão de vida. Estabeleceram-se regras para o apaziguamento das discórdias, regras que deviam ser promulgadas pelo rei. Um ponto capital relacionava-se à proibição do incesto.

Duby aborda o casamento nos séculos X-XII, refere-se às transformações na “estratégia matrimonial”, ao privilégio da masculinidade e da primogenitura, na sucessão. Para ele, “a lenta vulgarização de um modelo régio transforma as estruturas de parentesco”. Explica ainda que “a pulverização do poder real determina várias mudanças em relação ao matrimônio nas células familiares”¹⁴. O dote teve sua importância aumentada. O autor refere-se a uma evolução geral e às práticas.

Aquele foi um tempo marcado pela presença e atuação dos cavaleiros jovens, dissolutos e licenciosos. Nas famílias, a política consistia no casamento das filhas, todas, mantendo solteiros a totalidade dos varões, exceto o primogênito. O senhor intervinha no casamento dos jovens e das viúvas, filhas de seus feudatários.

Ocorreram mudanças no casamento, no povo e na aristocracia. Foram ideológicas e materiais. A Igreja lutou contra o nicolaísmo e os clérigos resistiram à renú-

¹⁰ Idem, p.283.

¹¹ Idem, p.284.

¹² Idem, p.285.

¹³ Idem, p.285.

¹⁴ Idem, p.286-287.

cia da conjugalidade e ao hipercasticismo. A Igreja queria autorreformular-se “e erigir-se em magistratura dominante”. As seitas e grupos ascéticos tomam posição contrária à Igreja. Surgem comunidades de abstinência de caráter misto. A Igreja procurou integrar o matrimônio na cidade e instituir como contexto da vida laica “a célula conjugal”. Por isso, progressivamente, edificou-se uma liturgia do matrimônio. O casamento cristão foi constituído como uma ideologia. Para Duby houve “[...] uma notável empresa de espiritualização da união conjugal”¹⁵.

Na literatura mística foi desenvolvido o tema nupcial. O matrimônio passou a ser um dos sete sacramentos. Hugo de Saint-Victor propunha entre o marido e a mulher um amor compartilhado.

Observava-se uma distância estreita entre a prática conjugal e o modelo da Igreja. Nosso autor descreve um casamento do século XII, suas duas etapas, fala da herdeira, das negociações, das núpcias. Refere-se a um padre casado.

A literatura de entretenimento possuía um espírito antimatrimonial. Essa literatura compensatória pregava o caráter superior do amor livre. A literatura prepara a espiritualização do casamento. Nela, o *consensus* supera as estratégias familiares, com seus estratagemas e astúcias. Para o autor, “[...] a literatura cortesã propõe a união de dois seres e não de dois patrimônios”¹⁶.

Na corte, profana, valoriza-se o amor conjugal. Tal literatura tem caráter antifeminista.

Um ponto decisivo é que no último terço do século XII começa a diminuir a restrição ao casamento dos filhos homens. Outros filhos, e não somente o primogênito, são autorizados a se casar. As razões do fato são o crescimento econômico e a modificação das atitudes mentais.

As mulheres medievais

Passemos agora à história das mulheres escrita por Duby, culminação lógica, necessária, dos seus estudos sobre o parentesco.

Aqui trataremos apenas do primeiro dos três tomos dedicados às “damas do século XII”¹⁷.

No primeiro volume de sua trilogia, ele tratou das mulheres que aparecem de modo menos obscuro; no segundo *A lembrança das ancestrais*, as imagens das mulheres são menos claras; no terceiro, *Eva e os padres*, o historiador procurou ver o pensamento dos clérigos, “diretores de consciência”¹⁸ das mulheres, sobre elas.

¹⁵ Idem, p.288-289.

¹⁶ Idem, p.291.

¹⁷ Duby, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁸ Idem, p.12.

A investigação de Duby sobre este tema é arriscada, incompleta e longa. A sociedade feudal estudada pelo autor é paradoxalmente, refinada e brutal. A respeito de sua proposta explica o historiador:

Conduzi-a da melhor maneira que pude, querendo ver mais claramente quem eram no século XII, na França, essas mulheres chamadas damas por terem desposado um senhor, conhecer a sorte que lhes estava reservada em seu mundo, o mundo da nobreza nas camadas superiores da sociedade brutal e refinada que chamamos feudal¹⁹.

Uma grande obscuridade existe em torno do assunto. Essas damas não têm rosto nem corpo. A verdade dos seus corpos foi, para sempre, perdida. Delas temos apenas raros objetos e efígies. Se já é difícil ter ideia dos homens daquele tempo, em relação às mulheres podemos dizer que se trata de “sombras indecisas”²⁰, que não possuem nem relevo nem profundidade.

Precisando a sua proposta:

O que procuro mostrar não é o realmente vivido. Inacessível. Procuro mostrar reflexos, o que testemunhos escritos refletem. Confio no que eles dizem. Se dizem a verdade ou não, não é isso que importa. O importante para mim é a imagem que oferecem de uma mulher, e por meio dela, das mulheres em geral, a imagem que o autor fazia delas e quis passar aos que o escutaram²¹.

Duby procura mostrar reflexos. O importante é captar a imagem, não a verdade. Entretanto essa imagem é deformada. Os escritos sobre as mulheres foram redigidos por homens. O latim, língua desses escritos, registrava somente as falas importantes feitas em formas artificiais. Os textos eram redigidos para a declamação ou o canto. A leitura era privada, geralmente feita em voz alta.

Desses textos se depreende uma série de “imagens” exemplares. Sua função é pedagógica, eles enunciam uma moral. O historiador amplia a caracterização de sua proposta: “[...] reconstituir um sistema de valores”, diz ele, “eis tudo que me é possível fazer a partir dessas palavras proferidas [...] em voz alta e inteligível. E reconhecer nesse sistema o lugar designado às damas pelo poder masculino”²².

¹⁹ Idem, p.09.

²⁰ Idem, p.10.

²¹ Idem, p.10.

²² Idem, p.10-11.

Tudo o que aparece publicamente é masculino. Essa literatura não tem caráter realista, pois ela representa o que a sociedade tem de ser e quer ser. Somente os homens têm visibilidade.

As damas do século XII dominavam a escrita, mas quase tudo desapareceu do que elas escreveram. O que aparece do feminino é obra do olhar dos homens. Duby se situa como historiador das estruturas, porque o que a sociedade afirma e oculta permite alcançar as suas estruturas. Sua operação histórica combina releitura e identificação: “Reli textos [...] esforçando-me por identificar-me com aqueles que os escreveram a fim de dissipar ideias falsas que depois perturbaram seu sentido”²³.

O capítulo primeiro do livro é dedicado a Alienor, cuja estátua está na Igreja de Fontevraud, uma das mais vastas e prestigiosas abadias de mulheres, na França do século XII.

Alienor foi uma rainha, morta como freira. Somente muitos anos depois de sua morte, foi feita uma estátua, uma representação ideal de seu corpo: “O artista recebeu a encomenda de mostrar o que seriam em sua plenitude este corpo e esse rosto no dia da ressurreição dos mortos”²⁴.

O rei da França, Luis VII, foi o primeiro esposo que Alienor teve. Nessa ocasião, o soberano contava dezesseis anos e a rainha, treze. Nos escritos, elogiar a beleza das princesas era uma convenção. Alienor foi a heroína de uma lenda de caráter escandaloso. Uma lenda persistente: “Conheço”, afirma Duby, “inclusive historiadores muito sérios cuja imaginação continua inflamada e desencaminhada por ela”²⁵.

Há uma mitologia em relação a ela. Eruditos modernos fizeram julgamentos errôneos relacionados a Alienor. Sua lembrança muito cedo se deformou. Fantasmas e mexericos se formaram em torno dessa dama. Os autores ingleses construíram dela uma visão desfavorável. Duas são as razões para essa imagem negativa: Alienor era mulher; seu avô era o célebre Guilherme IX, soberano que levava os cronistas a excessos de imaginação. Segundo Duby, dois fatos conduziam à condenação de Alienor, dois pecados graves foram cometidos por ela: seu divórcio e sua rejeição da tutela marital. Foi o grande caso ocorrido na Europa. Foi acusada de prostituta.

Sobre as transferências de esposa, assim se manifesta Duby: “Semelhantes transferências de esposa, do leito de um marido para o de outro, não deixavam de ocorrer frequentemente na alta aristocracia”²⁶. O historiador fala ainda do fortalecimento das formações estatais e das devoluções e alianças sucessórias na Inglaterra e na França.

A Igreja transformou o casamento num sacramento:

²³ Idem, p.12.

²⁴ Idem, p.14.

²⁵ Idem, p.15.

²⁶ Idem, p.17.

A Igreja, na metade do século XII, acabava de fazer do casamento um dos sete sacramentos a fim de assegurar seu controle. Ela impunha ao mesmo tempo jamais romper a união conjugal e, contraditoriamente, rompê-la de imediato em caso de incesto, ou seja, se verificasse que os cônjuges eram parentes aquém do grau. O que permitia à autoridade eclesiástica, na verdade ao papa, quando se tratava do casamento de reis, intervir à vontade para atar ou desatar, e assim tornar-se senhor do grande jogo político²⁷.

Luis VII toma a iniciativa de romper o casamento. As razões seriam a esterilidade e satanismo de Alienor. Sobre Alienor, o melhor depoimento é o de João de Salisbury. Segundo ele, a rainha cometeu a falta da rebelião:

[...] resistindo a seu marido, isto é, a seu senhor, Alienor exigiu, em Antioquia, separar-se dele. Reivindicação evidentemente intolerável: se era comum admitir que um homem repudiasse sua mulher, tal como se desembaraçava de um mau servidor, o inverso parecia escandaloso²⁸.

Para os homens da Igreja, a Cruzada fracassou por causa de Alienor. As mulheres atulhavam o Exército. Alienor teve uma viagem fracassada a Antioquia, mas se entendeu muito bem com seu tio Raymond, irmão de seu pai, com quem estabeleceu uma relação “muito próxima”²⁹.

Luis VII foi aconselhado a resistir às atitudes de Alienor. O papa Eugênio III casou Luis VII e Alienor novamente. Uma assembleia de prelados justificou o divórcio do casal. A esterilidade da rainha era falsa. Em quinze anos ela tivera – quase milagrosamente – só duas filhas. Ela não dera um herdeiro masculino a Luis VII.

Alienor voltou a ser um magnífico partido. Henrique Plantageneta conquistou-a. Apesar das dificuldades, o casamento aconteceu. A maior dificuldade era o “incesto [...] primordial”: dividir com o pai a parceira em termos sexuais. Esse fato é provável, já que depoimento “confirma que Alienor não era das mais arredias”³⁰. A lenda fundamenta-se na atitude de rebelião de Alienor contra o segundo marido. Alienor tinha, à época, cinquenta anos e, com tal idade, as mulheres passavam a exercer poder real.

Sobre o assunto, assim se pronuncia Duby:

²⁷ Idem, p.17-18.

²⁸ Idem, p.20.

²⁹ Idem, p.19.

³⁰ Idem, p.23.

[Alienor] estava com cinqüenta anos. Doravante infecunda e com encantos provavelmente menos vistosos, não tinha mais utilidade para um homem. Ela entrava naquela etapa da existência em que as mulheres, no século XII, quando sobreviveram aos partos ininterruptos, são comumente abandonadas por seus esposos, etapa em que, dispondo do dote de viúva que receberam por ocasião do casamento, respeitadas em geral por seus filhos, sobretudo pelo mais velho, elas têm pela primeira vez um verdadeiro poder e usufruem dele. Alienor não dispunha de tal liberdade. Henrique ainda vivia³¹.

Ele nunca se preocupara com Alienor. Abandonou-a completamente e procurou outras mulheres para divertir-se. Alienor encontrou apoio nos filhos.

Alienor guiou os passos de Ricardo, que herdara a Aquitânia e “[...] agindo em seu nome, acreditava poder tornar-se enfim senhora de seu patrimônio ancestral”³². Os filhos de Alienor levantaram-se contra o rei, com o apoio dela. O fato provocou escândalo, já que era geral a crença da superioridade do homem em relação à mulher. A sublevação foi dominada por Henrique, que prendeu Alienor. Críticas foram feitas a ela, porque, segundo Duby, “Alienor [era] a representação exemplar do que os homens viam na feminidade, tentação e inquietação”³³.

A respeito dos casamentos múltiplos das mulheres da aristocracia, além do destino de Alienor, escreve nosso autor:

Na verdade, o destino de Alienor não difere muito do das mulheres de alta linhagem que o acaso, ao privá-las de um irmão, transformava em herdeiras de um domínio senhorial. As esperanças de poder de que eram portadoras atiçavam as cobiças. Os candidatos ao casamento as disputavam entre si, rivalizando para se estabelecer em sua casa e explorar seu patrimônio até a maioria dos filhos que elas lhes dariam. Assim, sem descanso, elas casavam e se tornavam a casar, enquanto fossem capazes de ter filhos³⁴.

E o historiador acrescenta: “Só dois acontecimentos singularizam o destino de Alienor: o divórcio e a rebelião”³⁵.

A respeito de Alienor sabemos muito pouco, já que o conhecimento tem origem em nove testemunhos muito curtos. Ela casou aos treze anos e foi rejeitada, caluniada e espionada. Foi um joguete nas mãos de seu tio Raymond:

³¹ Idem, p.23.

³² Idem, p.24.

³³ Idem, p.25.

³⁴ Idem, p.25.

³⁵ Idem, p.26.

Em Antioquia, é certo que seu tio Raymond fez dela um joguete, se não sexual, pelo menos político. Ele detinha sobre ela o poder de um pai. Pode supor-se que a instigou a pedir a separação por motivo de parentesco com a intenção de ele próprio torná-la a casar, em função de seus próprios interesses³⁶.

Os escritores domésticos faziam elogios interesseiros à suas senhoras, que engravidavam seguidamente. Alienor teve dez filhos. Na época, a capacidade de reprodução das damas era explorada ao máximo. A partir de certa idade, elas tornavam-se matronas e passavam a dedicar sua vida ao esposo celeste.

A respeito do que se pensava em geral de Alienor, o historiador Georges Duby afirma: “O que muitos pensavam realmente dela transparece na maneira como os cronistas interpretaram a morte trágica do rei Henrique II, em julho de 1189”³⁷.

Os cronistas julgaram Alienor e Henrique II e falaram a respeito de ambos em bigamia e incesto. E da punição divina contra Henrique II: “Deus punia nele a falta de sua esposa”³⁸. Alienor foi considerada instrumento diabólico.

No *Romance da Raposa*, surge a imagem de Alienor nas cortes francesas do norte nos últimos anos do século XII. Aparecem críticas a Luís VII, de quem se ria. A história do romance é farsante, maliciosa. Associou-se Alienor e o sexo. Segundo Duby, “[...] o sexo [é o] tema principal [do romance] da Raposa, no mais crepitante de sua crítica social”³⁹. Para os homens, a mulher não passa de um joguete. A vida sexual é um jogo do qual a mulher precisa respeitar as regras.

A respeito do amor cortês e do tratado, escrito por André Le Chapelain, Duby afirma que é “[...] um tratado burlesco, que coloca Alienor ocupando o centro de uma corte de amor, como legisladora imaginária e risível dos preceitos da cortesia”⁴⁰.

O capítulo segundo do livro “Heloisa, Isolda e outras damas do século II” é dedicado a “Maria Madalena”. Duby começa por citar as peregrinações aos santuários, os santos e duas santas: “Entre esses milagreiros, esses protetores, há duas mulheres, Santa Fé e Santa Maria Madalena. A primeira em Conques, e a outra em Vézelay”⁴¹. Em Vézelay, a peregrinação era forte. Aí foi pregada por São Bernardo a segunda cruzada e se realizavam festividades. Havia nela uma basílica e se acreditava que aí estava o corpo de Maria Madalena, a quem se atribuíam graças e milagres. Duby afirma que

³⁶ Idem, p.26.

³⁷ Idem, p.27.

³⁸ Idem, p.28.

³⁹ Idem, p.29.

⁴⁰ Idem, p.30.

⁴¹ Idem, p.31.

segundo se acreditava “pelo amor dela, o Senhor perdoa as faltas dos pecadores”⁴². DUBY afirma:

Tudo está aí: as curas, o pecado, o amor, a remissão. Elementos que explicam o estrondoso sucesso de uma peregrinação, então uma das maiores do Ocidente, a afluência do povo, o enriquecimento da comunidade monástica, a admirável igreja. Que explicam também a presença insistente no imaginário coletivo de uma figura de mulher, a da amante de Deus, da perdoada, cuja fama é mantida por toda a parte por uma ativa publicidade combinada aos relatos dos peregrinos. No século XII, Maria Madalena está viva, presente. Tanto quanto Alienor. E da mesma forma que sobre o corpo desta, sobre seu corpo imaginado se projetam os temores e os desejos dos homens⁴³.

Das mulheres presentes no Evangelho, Madalena é a que tem maior visibilidade. Entre as mulheres que cuidaram do corpo de Jesus havia uma prostituta, Maria Madalena. Jesus falou relativamente a ela: “Seus pecados lhe foram perdoados porque ela demonstrou muito amor”⁴⁴. A respeito da mulher que derrubou o perfume sobre ele, diz Jesus: “Ela me embalsamou antecipadamente o corpo para a sepultura”⁴⁵. Os beneditinos transportaram o culto de Madalena da Inglaterra para a Europa Continental. No Ocidente, o culto ganhou grande difusão. A “busca espiritual” encontrou nos beneditinos a sua vanguarda. Saint-Benoît-Sur-Loire notabilizou-se por sua fecundidade em termos de inovações na liturgia. Madalena está presente fisicamente no interior da Igreja, em representação cênica. Temos aí o começo do teatro ocidental. Ela se separa do grupo formado pelas santas mulheres. O centro da cena é ocupado por ela. Num mosteiro masculino foi produzido o texto mais antigo a seu respeito para ser lido no dia em que se celebrava a santa, um comentário do texto Evangélico feito no século XI.

Eis o que diz o historiador:

Ele pretendia extrair o sentido das palavras, seus múltiplos sentidos, a fim de tirar da escritura uma lição moral. Por meio desse texto entrevemos a imagem que, nas proximidades do ano mil, um monge fazia de uma pessoa feminina, cuja figura ele apresentava a outros monges como ensinamento espiritual⁴⁶.

⁴² Idem, p.32.

⁴³ Idem, p.32.

⁴⁴ Idem, p.33.

⁴⁵ Idem, p.34.

⁴⁶ Idem, p.36.

Madalena é celebrada como dama, como mulher. Ela dispõe de seus próprios bens, livremente. Os traços com que aparece Madalena são os das mulheres da nobreza. Ela é como as pecadoras, como toda a humanidade.

A “mácula sexual”⁴⁷ constituía para os monges uma obsessão. Eles tinham um ideal e também uma vontade de poder.

O primeiro traço da natureza da mulher era a timidez, a fraqueza. O segundo traço é o essencial: o amor. Madalena chora, mas de desejo insatisfeito. Com ela ocorre uma reabilitação em relação à feminilidade: “Os homens”, explica nosso autor, devem cultivar plenamente “o que há neles de feminino para amar plenamente, como se deve amar”⁴⁸.

Apesar de suas fraquezas, uma mulher, Madalena, mereceu anunciar o milagre aos apóstolos. Duby fala ainda da “condescendência masculina”, do “invencível orgulho de ser homem”. Afirma, referindo-se a Madalena, que “por causa dela, pela vontade divina, ‘o opróbrio que pesava sobre o sexo feminino foi levantado’”⁴⁹.

Na Idade Média, o pensamento erudito operava aos saltos, de imagem a imagem, de palavra a palavra. A postura de Madalena, ao ajoelhar-se, era de humilhação. O gesto significava servir, obedecer. Madalena operava uma mudança na sua vida e renascia efetivamente. O texto era dirigido contra a contestação herética e buscava transmitir a verdade da Redenção e da Encarnação.

Um mosteiro ser rico, como o era Maria de Magdala, não é ruim. “Derramar o nardo” é ornamentar e construir. Como assinala o historiador “[...] as exigências de submissão, de serviço e de amor, devem se estender à Igreja inteira”⁵⁰. O exemplo de Madalena deverá ser dado tanto aos clérigos quanto aos membros seculares da Igreja.

Como a reforma da Igreja estava ocorrendo de forma acelerada, encontrou em Madalena um dos seus emblemas. Vézelay tornou-se um centro de peregrinação. No segundo quarto do século XI, as relíquias de Madalena foram inventadas. Quem as criou foi Geoffroy, abade de Vézelay, um reformador ardente. Acreditava-se no poderio dos santos e de suas relíquias. Eles se multiplicaram. Os dirigentes eclesiásticos se voltam para o Novo Testamento, de maneira resoluta. As peregrinações a Roma e a Compostela conhecem o sucesso. Busca-se aproximar os santos da pessoa de Cristo. Portanto, inventam-se as relíquias.

No caso de Madalena e de Vézelay, a reforma foi um fator decisivo. Era necessário que a abadia desta cidade abrigasse relíquias eficazes e insígnias. Uma coletânea de milagres foi redigida. Discutindo o porquê da escolha de Madalena como padroeira, Duby aponta a política da Igreja de reprimir os pecados, em particular os sexuais, no cume da hierarquia social.

⁴⁷ Idem, p.37.

⁴⁸ Idem, p.37.

⁴⁹ Idem, p.38.

⁵⁰ Idem, p.39.

Geoffroy obtém em Roma a autorização para dedicar a Maria Madalena também Vézelay, o que foi confirmado por nova bula. A peregrinação alcança estrondoso sucesso e o culto da santa explode.

As “lendas”⁵¹ eram relatos lidos durante as celebrações do culto. No Oriente, foi elaborado um relato da vida eremítica de Madalena. Ela não mais se alimentou e nem quis ver ninguém. Com a sua morte, teriam ocorrido, em torno do sepulcro, maravilhas.

Havia uma outra vida de Madalena, apostólica, em circulação: Conjugavam-se deste modo duas vidas. Sobre as lendas em torno de Madalena, Duby afirma o seguinte:

Este segundo texto incomodava os monges borgonheses. Ele situava o túmulo perto de Aix, onde, de fato, o florescimento do culto de Madalena se verifica antes do início do século XII e onde talvez já se desenvolvia uma peregrinação concorrente. Para calar a boca dos que se recusavam a ver neles os verdadeiros guardiões das relíquias, foi fabricado um relato – é a terceira lenda – que diz que um religioso, por ordem de Girard de Roussilon e do primeiro abade, fora furtá-la três séculos antes na Provença, então assolada pelos sarracenos⁵².

Um terceiro relato, portanto, foi fabricado em torno da vida de Madalena. Tais lendas estavam a serviço da reforma eclesiástica. O exemplo de Madalena objetivava a reforma do clero secular.

Às mulheres era proibido o acesso à basílica. Segundo os clérigos que conduziam a reforma duas manchas deveriam ser extirpadas do mundo: os excessos sexuais e o derramamento de sangue.

Foi colocado num primeiro plano o ardente amor de Madalena por Cristo.

No começo do século XIII, um outro Geoffroy, num sermão, coloca o acento em traços de Madalena completamente diferentes. Madalena aparece como pecadora e depois, pregadora gloriosa. Ela oferece o seu testemunho por meio das lágrimas. O último ponto, central, da versão é que Madalena passou por todos os vícios. Ela consegue perdão devido à sua esperança e ao seu temor. Maria Madalena faz a experiência da penitência e da submissão. Ela exerce contra seu próprio corpo uma “violência voluntária”⁵³.

Segundo Geoffroy de Vendôme as mulheres são instrumentalizadas pelo diabo. Madalena aparece numa inflexão nova: ela necessitou destruir pela penitência a sua parte feminina. Para Duby, “[...] nesse ponto preciso se situa a nova inflexão”⁵⁴.

⁵¹ Idem, p.43.

⁵² Idem, p.44-45.

⁵³ Idem, p.46-47.

⁵⁴ Idem, p.47.

Entre 1075 e 1125 ocorreu um acontecimento decisivo: a vitória da reforma eclesiástica. Ela é a explicação da passagem de uma Madalena que tem paixão por Cristo a uma outra que a penitência esmagou. A moral dos monges impunha a renúncia deles às mulheres enquanto os outros deveriam casar. Quem deveria casar, submetia-se à moral de quem renunciou ao matrimônio. A ideia de que o sexo é a fonte do pecado é uma característica da cultura ocidental.

Para os reformadores eclesiásticos, a mulher constituía o grande obstáculo à reforma. Os bispos reformadores eram fornicadores que se regeneraram. Consideravam as mulheres como prostitutas, reais ou virtuais. Aparecem nos seus textos metáforas obsessivas. Para eles, o feminino é o animal.

Como a prostituição⁵⁵ era importante nas cidades em expansão, as mulheres que foram lançadas às ruas eram as lastimáveis e perigosas. Interrogava-se sobre o lugar a ser ocupado pelas mulheres “na sociedade perfeita”. Procurou-se elaborar uma pastoral adequada a elas. Roberto d’Arbrissel acolhia em seu grupo as mulheres. Para Abelardo, as orações das mulheres equivaliam às dos homens. Nos clérigos havia “[...] o temor irreprimível da mácula sexual”⁵⁶.

Os dirigentes da Igreja pensavam ser necessário impedir a mulher de causar danos, por isso, era preciso casá-la. A mulher perfeita é a que serve e teme os homens. Havia a bipartição entre as mulheres: umas matronas; outras, mulheres da vida.

Nas palavras do historiador “a mulher deve ser a esposa de um mestre que irá refreá-la”⁵⁷. Diante da mulher vista como tentadora, acentuava-se a necessidade de submeter seu corpo à penitência. Nosso autor fala da “[...] pregação sem palavras das reclusas, pela devastação do próprio corpo”⁵⁸. E de Madalena, “a mediadora escutada, porque obstinada penitente”⁵⁹.

A penitência, um sacramento, era o instrumento da reforma dos costumes. O resgate constituía a sua exigência. Surgiu a ideia de purgatórios⁶⁰, de um período de esperas. O gesto de Jesus, o perdão amoroso, recuou lentamente.

Para Duby, “o corpo de Madalena” era “a representação no imaginário coletivo do pecado e sua remissão”, traços que passaram por uma afirmação⁶¹.

De acordo com muitos, Madalena continuou a ser a “beata amorosa”⁶².

⁵⁵ Ver a respeito: Rossiaud, J. *A prostituição na Idade Média*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

⁵⁶ Duby, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas... op. cit.*, p.49.

⁵⁷ Idem, p.50.

⁵⁸ Idem, p.50.

⁵⁹ Idem, p.51.

⁶⁰ Consultar sobre o assunto a obra inovadora de Jacques le Goff: *O nascimento do purgatório*. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1995.

⁶¹ Duby, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas... op. cit.*, p.51.

⁶² Idem, p.51-52.

As vidas de santos⁶³ foram impregnadas do erotismo cortês.

O pecado da carne passa para o primeiro plano. No caso de Madalena, “[...] a prostituta arrependida substitui a amante lacrimosa”⁶⁴.

Para os escritores pertencentes ao aparelho eclesiástico, Madalena é a mulher pública arrependida. Os sermões que compuseram sobre a bem-aventurada não eram dirigidos, de modo especial, às mulheres. Ela não constituía para eles, a santidade feminina modelar, pois permanecia a encarnação inquietante da marginalidade. Neles, a misoginia era essencial. E “Madalena, nas homilias dos padres, era a antimulher, mas mais mulher que todas, por seus pecados e seus atrativos”.

Segundo Duby, “[...] os modelos de sermões inspirados em Maria Madalena põem os atrativos satânicos das mulheres em perigosa evidência”⁶⁵. Para os clérigos, Madalena era a malcasada. Por isso, preocupavam-se com os instrumentos usados pelas mulheres para seduzir. Com os prazeres do leito e a sedução das mulheres: “A cabeleira solta, o perfume espalhado, ambos intimamente associados no imaginário da cavalaria aos prazeres do leito”⁶⁶. Os fantasmas da sedução da mulher eram despertados pela lembrança da sensualidade e das suas armadilhas.

Desde o fim do século XIII a imagem de Madalena na arte aparece como perturbadora e ambígua.

O capítulo terceiro de “*Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*” é dedicado a “Heloísa”⁶⁷.

A respeito dela o que conhecemos é muito pouco. Seu nascimento deu-se na alta aristocracia. Em 1229 a vemos em uma abadia de mulheres, como priora.

À época Abelardo elogiava a castidade. Heloísa submete questões a Abelardo, que escreve um tratado mostrando ser necessária a repressão do desejo e do prazer.

Temos informações sobre Heloísa em carta datada de 1142. Segundo Duby, “Cluny” era “a encarnação mais majestosa do monaquismo” e “Abelardo” era “o professor mais ousado de seu tempo”⁶⁸. Ele aparecia como um escritor insuperável, famoso.

Pierre, o abade chefe de Cluny, escreve uma carta de consolo e reconforto a Heloísa. A respeito da correspondência entre Abelardo e Heloísa, afirma nosso autor: “Tal intercâmbio epistolar alimentou, nesse tempo o que na literatura de expressão

⁶³ Sobre a figura do santo medieval, ver o ensaio de André Vauchez, “O Santo”. In: Le Goff (dir.). *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989, p. 211-230.

⁶⁴ Duby, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas... op. cit.*, p.52.

⁶⁵ Idem, p.54.

⁶⁶ Idem, p.54.

⁶⁷ Ver a propósito de Heloísa e Abelardo: Abelardo e Heloísa. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. São Paulo: Martins Fontes, 1989; Abelardo, P. *Histórias das minhas calamidades. (Carta autobiográfica)*. São Paulo: Abril, 1973. (Col. Os Pensadores. Vol III).

⁶⁸ Duby, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas... op. cit.*, p.56.

latina houve talvez de mais vigoroso, de mais original, senão de mais revelador dos comportamentos e das atitudes mentais”⁶⁹.

Heloísa envia uma missiva a Abelardo, um apelo feito de ansiedade. O historiador refere-se aos últimos meses de Abelardo. A carta, um documento autêntico, traz preciosas indicações. Nela aparecem ao mesmo tempo os temas da copulação carnal e do amor divino. Heloísa foi uma abadessa modelar, possuía grandes dotes intelectuais e conseguiu destacar-se nos estudos, porque tirou de sua submissão, a serviço de Jesus, sua força. A carta traz uma imagem de Heloísa que surpreende; Heloísa comete uma loucura e rejeita o casamento: ela é a heroína, a rebelde, a apaixonada, “a campeã do amor livre”⁷⁰. O historiador, Duby, refere-se a duas cartas dirigidas a Abelardo. Uma delas é uma missiva aparentemente consoladora do abade Fouques, escrita depois da castração de Abelardo. Ele diz que o mesmo deve aproveitar-se da provação. Relembra a trajetória de Abelardo, seu sucesso e queda, seu orgulho, sua luxúria e avareza e diz-lhe que deve tomar como libertação a castração; deplora o infortúnio de Abelardo. Nosso autor diz:

Toda a Paris está consternada, o bispo, seu clero, burgueses e sobretudo as mulheres. “Devo evocar os prantos de todas as mulheres? A essa notícia, elas inundaram o rosto por tua causa, pelo cavaleiro que haviam perdido. Era como se cada uma tivesse perdido seu esposo (vir) ou seu amante (amicus)”⁷¹.

A outra carta é de autoria de Roscelin e constitui um ataque a Abelardo. Ele investe também contra Roberto d’Arbrissel, “um profeta iluminado”⁷², que acreditava na submissão devida pelos religiosos às religiosas. Para Roscelino, em caso de adultério, a falta é da mulher, culpada do fato. Ele ataca diretamente Abelardo, fala de seus crimes, diz que ele propagava falsidades em seu ensino, que era um pecador. Afirma que no casal Abelardo e Heloísa, a mulher submetia-se ao homem. Ele critica Abelardo e Paris. Diz que Abelardo apoderou-se de Heloísa: a sexualidade doméstica mostrou-se exuberante. Faz referência à castração e ao escândalo provocado por ela.

Duby menciona entre os problemas dos intelectuais no século XII, aqueles referentes ao sexo. Aborda várias cartas de Abelardo, uma série, nas quais Abelardo conta, de forma complacente, os infortúnios que o atingiram. Nas palavras do historiador “[...] ele vivia feliz. De súbito, diz ele, um duplo golpe veio atingi-lo nas duas

⁶⁹ Idem, p.56-57.

⁷⁰ Idem, p.58.

⁷¹ Idem, p.60.

⁷² Idem, p.60.

fontes de seu pecado de orgulho: em seu espírito, a condenação e a destruição de sua obra; em sua carne a emasculação”⁷³.

Relacionando filosofia e desejo diz Abelardo: “Por me acreditar o único filósofo do mundo, começava a relaxar o freio do desejo, em que até então me continha”⁷⁴. Abelardo desfruta de Heloísa com requinte. Diz que além da grande beleza ela era “superior a todas as outras pela superabundância do seu saber”⁷⁵. O “folgazão” Abelardo, era um escravo do prazer, que sua mulher desvirilizou.

Da parte de Heloísa temos queixas feitas com dignidade. Ela não queria o Casamento; faz críticas a Abelardo. Aparece prisioneira do verdadeiro amor, do coração e do corpo. Quer que Abelardo a ajude aproximar-se da divindade, mas ele responde de modo distante e diz que ela deve procurar viver sem a companhia dele. Comentando a resposta de Abelardo, afirma nosso autor: “Bastou que Abelardo respondesse, que evocasse sua possível morte, para suscitar o impulso soberbo que faz a beleza da quarta carta e leva a seu auge a intensidade dramática”⁷⁶.

Em Heloísa, há a submissão ao Cristo, à força do sentimento amoroso, à paixão. DUBY fala da perturbação de Heloísa:

É nesse ponto que o historiador das mulheres crê enfim ouvi-las falar, captar o que elas pensavam realmente havia oito séculos na intimidade de seu coração. Trêmula, Heloísa não suporta a ideia de que Abelardo desapareça antes dela. Na perturbação de que se vê tomada, não se detém mesmo em culpar a Deus⁷⁷.

Heloísa não se arrependeu. Persistem na sua lembrança as volúpias passadas.

Abelardo se anima. A correspondência agora terá como foco o casamento. O mau marido Abelardo recebeu “castigo salutar”.

Celebra-se a conjugalidade. O autor comenta a carta que segue:

O drama tem um desfecho brusco no início da carta seguinte, a última de Heloísa. Ela obtempera. Doravante impedirá sua mão de escrever as palavras que se comprimem em seus lábios, tomados pela pulsão veemente que invade seu frágil corpo de mulher. Ela fará o esforço de se calar. Sob o selo de seu silêncio encerra seu amor, sua amargura e os tumultos de seu desejo⁷⁸.

⁷³ Idem, p.63.

⁷⁴ Idem, p.63.

⁷⁵ Idem, p.67.

⁷⁶ Idem, p.65.

⁷⁷ Idem, p.65.

⁷⁸ Idem, p.67.

Heloísa reivindica sua liberdade de maneira feroz, notória revoltada.

Diante de um escrito sob suspeita, o historiador deve manter-se desconfiado. O conjunto de cartas tem coesão. Trata-se de um discurso persuasivo e compacto, de uma construção literária minuciosa. De um romance no qual o homem é o protagonista.

Ampliando seus comentários, assegura Duby:

Resta uma evidência: a matéria da obra contém demasiadas alusões preciosas e justas ao mundo das escolas parisienses sob o reinado de Luís VI e de Luis VII para que se possa imaginá-la forjada inteiramente mais tarde; ela data com certeza, da metade do século XII. É não menos evidente, porém, que essa matéria foi objeto de uma montagem cujo autor ninguém jamais conhecerá⁷⁹.

As cartas, dirigidas ao público, eram como expressões trágicas, sermões. Mostram um escritor virtuoso, com suas demonstrações eruditas, que dominava as regras da escrita. O silêncio, recurso utilizado pelos intelectuais contemporâneos de Abelardo, era uma figura de retórica.

Procurando o significado real do texto, o historiador vê nele um arranjo de palavras feito num mosteiro visando a edificar espiritualmente. Nele aparece a imagem que tinham os contemporâneos em relação a Heloísa. O medievalista refere-se à santidade dela, à sua conversão – difícil e dupla.

Para a filosofia de Abelardo, a falta não está no ato, mas na intenção. Para ela é preciso triunfar sobre o próprio desejo.

O memorial

[...] mostra em particular, o quanto é difícil livrar-se do mal, lamentar as próprias faltas, arrepender-se delas. Afirma, em conformidade com a filosofia de Abelardo, para quem a falta não está no ato, mas na intenção, que os pecados mais tenazes não são os do corpo, mas os do espírito, que mesmo na continência mais rigorosa se permanece culpado se não consegue vencer o próprio desejo, se não se expulsa do espírito o pesar dos prazeres recusados⁸⁰.

O texto da correspondência constitui um tratado edificante: “Esse texto é [...] sobretudo um tratado de moral, edificante como o são na época, as vidas de santos e os romances de cavalaria”⁸¹. O texto tinha uma intenção pedagógica, constituía, na

⁷⁹ Idem, p.68.

⁸⁰ Idem, p.70.

⁸¹ Idem, p.71.

verdade, um grande *exemplum*, pois nele a mulher aparece com a capacidade de salvar sua própria alma, já que a feminilidade é dotada tanto de virtudes quanto de defeitos.

A fraqueza é característica da mulher, por causa disso, deve ter, necessariamente um marido. O casamento é elogiado, mas o de Heloísa e Abelardo foi ruim, porque foi celebrado rapidamente. Como as núpcias devem ter caráter público, o noivo não tinha boas intenções, marcado pela cobiça. A noiva não queria o casamento, um remédio para a concupiscência, mas Abelardo, mesmo casado, continuou a ser um apaixonado ardente. Esqueceu-se de que o casamento é sagrado e maculá-lo é coisa grave.

O marido deve ser responsável por sua esposa, deve ser seu guia. Por isso, apesar de tudo, o casamento de Abelardo e Heloísa foi verdadeiro. Abelardo, no seu progresso espiritual, decidiu arrastar Heloísa com ele e serviu de intermediário entre ela e o poder de Deus. Sobre ela exerceu o seu poder, portanto, Heloísa foi esposa submissa.

Duby se pergunta a respeito da intenção desse texto que faz a apologia da conjugalidade. Nele, aparece o projeto de um estilo de vida novo para os monges. A respeito do monaquismo das mulheres, afirma o historiador: “A *Correspondência* responde a outra questão, melindrosa, que no seio de um crescimento tumultuoso que agitava os velhos hábitos, dividia os homens de oração: como fazer com o monaquismo feminino?”⁸².

Para Abelardo, é bom que as mulheres exerçam a profissão monástica. As mulheres devem ser no projeto divino, “[...] associadas à obra de ressurreição espiritual. A comunidade de freiras deve ter como apoio uma comunidade de monges”⁸³.

A ordem do Paráclito nas suas disposições rompeu com uma ordem natural, a da dominação masculina. E o homem surge dotado de uma superioridade funcional.

Um modelo se impõe no texto, o da conjugalidade. Fraquezas essenciais são atribuídas à feminilidade. Há aqui uma misoginia clara e um ataque à luxúria.

Heloísa é acusada de deixar-se dominar pela volúpia, de ser escrava de seu corpo ardente. Trata-se de uma impressionante confissão. Os homens correm um Perigo: o de serem afetados pela “sensibilidade exigente” das mulheres, indóceis por natureza. Há no texto um ataque virulento ao matrimônio.

A *Correspondência* de Abelardo e Heloísa constitui uma obra de caráter complexo. O casamento aparece como degradação para o sábio. O matrimônio dos letrados é tema de debate no século XII. Os homens no seu desenvolvimento encontram um obstáculo – as mulheres. Na obra, presenciamos as etapas de uma rendição difícil. A busca de liberdade por Heloísa não era aprovada. Procura-se sublimar o amor conjugal. São lembrados os méritos de Abelardo e da abadessa em relação a Heloísa.

⁸² Idem, p.73.

⁸³ Idem, p.74.

Duby evoca a meditação de São Bernardo a respeito da Encarnação, uma reflexão sobre o bom amor.

Abelardo é o letrado, o conquistador jovem e solteiro. Possuía o dom de cantar e de compor poemas. O trovador que celebrava sua amada: eis o modelo cortês. Abelardo, entretanto “[...] não cantava o desejo insatisfeito, o seu canto era de vitória”⁸⁴. Ele fala dos prazeres, das “delícias”⁸⁵ do leito. Após o divertimento, o fervor ainda é prolongado. Trata-se de “[...] um caso de incontinência [...]”. E “as alegrias da carne eram mais intensas por serem mais raras”⁸⁶.

A elite parisiense gostava do prazer. O casamento tornava mais ardorosa a alegria corporal. O amor de Heloísa por Abelardo era uma loucura. A função do casamento era reguladora. Heloísa submete-se totalmente. Humilha-se. Ela é, ao mesmo tempo, esposa e amante. E o amor entre ela e Abelardo desinteressado e livre.

Duby pergunta-se pela lição maior proporcionada por esse escrito espiritual. Nele o marido, o mestre e o guia, preside a alquimia da relação conjugal. Heloísa aparece como abnegada, a “amiga”⁸⁷. Heloísa passa por um processo de autocastração. Ela se salva pela humilhação. A Heloísa verdadeira é a mulher dotada de erudição, ama o Cristo, é consolação e modelo, inclusive para os homens.

Neste trabalho tratamos do casamento nas condições históricas do feudalismo e, principalmente, sintetizamos parcialmente o primeiro volume da trilogia de Duby sobre a história das mulheres medievais, o livro *Heloísa e Isolda e outras damas do século XII*, no qual o autor proporcionou uma contribuição histórica significativa, explorando de maneira original documentos em geral conhecidos. Este livro mostra como as mulheres medievais foram submetidas às mentalidades e práticas de controle de uma sociedade profundamente misógina.

Por fim, apresentamos resumidamente abaixo, as visões de três medievalistas especialistas nestes assuntos (Guerreau – Jalabert; Rossiaud e Klapisch – Zuber), com a finalidade de corroborar e, em muitos casos, fazer o contraponto aos trabalhos de Duby.

Em relação ao domínio do parentesco⁸⁸, podemos dizer que em todas as sociedades as relações que formam um conjunto e são definidas e construídas socialmente constituem o parentesco, que pertence mais à ordem cultural que à da natureza. Nas sociedades medievais o papel do parentesco aparece como central. Em termos de Parentesco, há uma ruptura em três pontos dos séculos medievais iniciais com o período anterior:

⁸⁴ Idem, p.77.

⁸⁵ Idem, p.77.

⁸⁶ Idem, p.78.

⁸⁷ Idem, p.80.

⁸⁸ GUERREAU – JALABERT, Anita. “Parentesco”. In: Le Goff, Jacques e Schmitt, Jean – Claude (dir.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, v. 2, 2002, p. 321-336.

O aparecimento de um sistema estritamente cognático, que faz da parentela [...] a única forma efetiva de agrupamento de consangüíneos; a instauração de um modelo de matrimônio monogâmico e indissolúvel [...]; a imposição, com o cristianismo do paradigma do parentesco espiritual, da *caritas*, que transforma os fundamentos das concepções do parentesco⁸⁹.

Quanto à exclusão parcial das mulheres da sucessão, afirma a autora: “Se as mulheres são (parcialmente) excluídas do jogo de sucessão, não é por causa de um princípio unilinear que regeria a filiação, mas em virtude de processos sociais nos quais se combinam a preeminência dos homens e o imperativo patrimonial”⁹⁰. A bibliografia da autora comporta 26 títulos, dois dos quais dela mesma e um livro de Duby: *O cavaleiro, a mulher e o padre. O casamento na França feudal*. E outro de Georges Duby e Jacques Le Goff (ed.) *Famille et parenté dans l'Occident Médiéval*. Roma, 1977.

Em relação ao estudo sobre a sexualidade no período medieval⁹¹, segundo Rossiaud,

De todas as funções humanas, a sexualidade é [...] a mais pessoal, a mais vital, e também a mais normatizada nas sociedades antigas [...] o discurso sobre o sexo é essencialmente desenvolvido por homens – monges ou eclesiásticos – que, por voto, renunciaram a toda vida sexual⁹².

A respeito do desejo diz o medievalista: “Para os filósofos do século XIII e seus antecessores – os pensadores da Antiguidade – o desejo é subversão e submersão no ser”⁹³.

Quanto ao casamento afirma Rossiaud: “A sociedade, apesar de tudo, curva-se bastante bem diante de um tipo de conjugalidade que obedece ao modelo de conjunção sexual forjado pelos doutores”⁹⁴. Quanto às relações entre homem e mulher no casamento diz que “a posse marital do corpo da esposa é, sem dúvida, o dado da realidade mais partilhado socialmente”⁹⁵. Para concluir, Rossiaud assegura que “a mulher é no universo patriarcal e machista medieval, o maior elemento de temor para o

⁸⁹ Idem, p.333.

⁹⁰ Idem, p.325.

⁹¹ ROSSIAUD, Jacques. “Sexualidade”. In: Le Goff, Jacques e Schmitt, Jean – Claude (dir.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Bauru: Edusc, 2002. v.2 p. 477-493.

⁹² Idem, p. 477.

⁹³ Idem, p.479.

⁹⁴ Idem, p.485.

⁹⁵ Idem, p.487.

homem”⁹⁶. Georges Duby é citado algumas vezes no texto. Na bibliografia, aparece um livro dele: *Idade Média, Idade dos Homens do Amor e outros ensaios*.

Por fim, a respeito do tema *o masculino e o feminino na Idade Média*⁹⁷, podemos dizer que a época medieval é caracterizada pelo antifeminismo, pois a misoginia era um traço peculiar do período. A autora se propõe preliminarmente “estudar as definições do masculino / feminino elaboradas por uma dada sociedade e questionar de maneira crítica os suportes intelectuais e teóricos que fundamentam estas representações”⁹⁸. A antropologia cristã, segundo esta autora, elaborou uma teoria concernente ao masculino e ao feminino:

Situando [...] a origem da desigualdade fundamental dos sexos na diferença entre o momento da criação dos corpos, a antropologia cristã qualificará como original e superior a orientação da razão humana para a contemplação do divino e, como segunda e inferior sua orientação para as necessidades temporais. Assimilando a primeira orientação da alma com seu elemento masculino e a segunda com o feminino, Agostinho lança as bases teóricas não só da dualidade fundamental da mulher, mas também de sua subordinação e da divisão dos papéis reais⁹⁹.

Por fim, quanto à divisão dos sexos no período medieval, a historiadora propõe a seguinte síntese, com a qual finalizamos este ensaio sobre uma das temáticas mais instigantes do *período* medieval.

Aqui chegamos à junção das representações e das realidades sociais. Sem ir mais além, no campo de sua interação, recapitulemos alguns traços importantes relativos à síntese medieval dos sexos. Deve-se ter notado que falando do masculino/feminino na Idade Média, dificilmente evoca-se os valores ligados ao polo masculino, tanto o discurso medieval dominante atua pela separação, pela diferenciação do feminino a partir de um masculino concebido como plenitude e totalidade. Além disso, é impossível negligenciar a misoginia particular àquela época, que não somente concentra a atenção dos autores no feminino e infla desmesuradamente a análise, mas utiliza-a como categoria conceitual redutora nas investigações que não têm nada a ver com a mulher, nem com as mulheres. O feminino guarda, no entanto uma ambivalência irredutível vinda de sua construção ideológica e social. O homem é unidade, o masculino, unívoco. A mulher é ao mesmo tempo Eva e Maria, pecadora e redentora,

⁹⁶ Idem, p.493.

⁹⁷ KLAPISCH – ZUBER, Christiane. “Masculino/Feminino”. In: Le Goff, Jacques e Schmitt, Jean – Claude (dir.) *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2002. v.2, p. 135-150.

⁹⁸ Idem, p.138.

⁹⁹ Idem, p.141.

megera conjugal e dama cortesã. Dentre estas facetas, o feminino não escolhe, justapõe. Assim, ele se furta obstinadamente a buscar sua natureza própria, que depende do espiritual, miseravelmente medido, e do corporal, no qual foi logo encerrado¹⁰⁰.

Autor convidado, artigo recebido em 30 de julho de 2012.

¹⁰⁰ Idem, p. 149.